

BUBA

15 Maio 2009

SOLTAS

DESEMPREGO

Hoje em Portugal, a principal notícia foi o desemprego. São quase 500 mil os desempregados, segundo o Instituto Nacional de Estatística. As perspectivas do Governo oscilam entre o fatalista e o irresponsável, que são as duas notas genéticas do lusitano: -alega-se que na Alemanha vai ser pior, ocultando-se o facto de que nós estamos num patamar muito mais baixo. A solução, para o Governo, é a de um orçamento suplementar (como se não bastasse o que temos, ou o orçamento resolvesse alguma coisa...).

Para a oposição deve, ao contrário, fazer-se um orçamento rectificativo. Não se entendem. Era de esperar...

Se eu fosse governo, o que eu faria (já tinha feito...) era extinguir a Caixa Geral de Aposentações e a Caixa Nacional de Pensões. Para além de todas as demais caixas de previdência das diversas actividades, incluindo as Ordens das profissões liberais.

Todo o pessoal no activo, independentemente da sua função e categoria profissional, começava a ser reclassificado (excepto os profissionais que exerçam profissões liberais) e era-lhes atribuída a mesma ou diferente função e categoria e um ordenado superior ao que tem e em qualquer caso superior ao ordenado mínimo, quer trabalhasse, quer não.

Aliás, as horas de trabalho dependeriam do seu estado de saúde, da sua compleição física e da sua apetência (do seu gosto para fazer o trabalho).

A sua capacidade de trabalho seria medicamente avaliada em cada caso.

Não havia reforma. Trabalharia até que pudesse e quisesse e o fizesse com gosto (até aos 100 anos seria o ideal).

Concretizando: -havia duas áreas estruturais de integração da actividade laboral de cada pessoa: -a área oficial e a área da actividade privada.

O regime vigente de contratação e intervenção sindical manter-se-ia para quem o preferisse. As empresas contratariam pessoal livremente, discutindo os termos dos contratos com os sindicatos, como até agora.

Mas as empresas, sobretudo as pequenas, poderiam, em alternativa, requerer aos serviços oficiais a mão-de-obra de que necessitassem, de acordo com uma tabela que lhes seria fornecida mensalmente do preço por hora nas diversas especialidades, com inclusão, no preço, dos respectivos encargos fiscais e sociais. A pequena empresa não tinha assim que pagar quaisquer contribuições relativas aos trabalhadores.

Esta era a linha geral, que tem a ver com o ir ao encontro dos problemas concretos que não se resolvem com orçamentos, quer sejam suplementares, quer sejam rectificativos. Nem tem a ver com atirar pessoas para situações de “desemprego” que são melhores que estar empregado porque recebem, a custa do erário público, uma parte importante do ordenado sem nada produzir. E depois, na “gancharia” (trabalho não declarado, “isento” de IRS)

situação que acaba por ser mais vantajosa do que estar empregado... É um sistema antigo. Quando empresário (já por lá passei...): -conheci pais, mães e filhos da mesma família, que iam estando de baixa sucessivamente e procurando emprego só quando terminava o prazo de qualquer deles. O que no fundo resultava que havia sempre pelo menos um membro da família que estava de baixa. Há que acabar com isso. E acabar também com as “baixas” de falsas doenças: -tive um empregado que “esteve de baixa” três anos e a doença nunca foi verificada... Porque a mulher era empregada do Centro de Saúde responsável. Esse meu empregado trabalhava ao balcão doutro estabelecimento da área da residência... impunemente, em inteira liberdade. Por hoje, deixamos esta achega. Amanhã ou depois vamos continuar.

O Dia Internacional da Família é hoje celebrado no mundo ocidental: -o tema imbrinca directamente noutros: -na mulher, na criança e na família não parental. E, por extensão, na delinquência infantil e juvenil. Amanhã ou depois far-lhe-emos referência. ¶ 5/15/2009 03:20:00 PM